

Livro de Sarney não agrada na França

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS — Se dependesse do apoio da crítica literária francesa, o livro *Au-delà des Fleuves*, em português *Norte das Águas*, do escritor José Sarney, venderia muito pouco da sua primeira edição de cinco mil exemplares. Isso porque até agora ela praticamente ignorou o lançamento da obra, durante festas em Mirabeau e Paris, organizadas pelo editor Jean-Claude Lattés, das Edições Stock, do grupo Hachette. A divulgação se limitou ao programa social da passagem do presidente e sua numerosa comitiva por Paris, aos jantares e recepções *black tie*. A única exceção foi a entrevista concedida ao mais famoso dos críticos literários da TV, Bernard Pivot, que não escondia um certo mal-estar, diante das câmeras, nos 15 minutos que durou a entrevista.

Agora, uma nova e dura crítica surge nas páginas do semáforo *L'Express*, lembrando, antes de mais nada, que "o presidente contista sequer esperou a publicação do livro para condecorar seus editores franceses com a Medalha do Cruzeiro do Sul e outras fitinhas". Dias antes da passagem de Sarney pela França, várias personalidades da área editorial receberam essa alta condecoração do governo brasileiro, em solenidade presidida pelo embaixador do Brasil, João Hermes Pereira de Araújo. Para *L'Express*, o presidente Sarney ficou "de segunda época na República das Letras, não tendo sido aprovado no primeiro turno".

A crítica do livro de Sarney ocupa toda a página da seção de

livros de *L'Express*. Para a articulista Sylvaine Pasquier, "os contos do presidente" não merecem aprovação. O livro foi recebido com reservas, lembra ela, comentando, com ironia, que "o amor pela literatura às vezes dá aos editores um entusiasmo de pioneiros". Sylvaine começa a crítica pelo prefácio de Jorge Amado, atribuindo-o a "uma amizade indefectível", apesar de posições políticas extremamente opostas, durante a ditadura militar. O artigo relembra a origem de Sarney, governador, senador, líder do partido dos militares, fiel ao regime anterior, o que não o impediu de, à última hora, passar para a oposição e ascender ao poder em razão do desaparecimento prematuro de Tancredo Neves. Ainda segundo *L'Express*, "José começa poeta, tenta o romance, organiza comícios e negocia suas guinadas ideológicas, enquanto sonha com Balzac". Como resultado de tudo isso, "acabou nascendo uma *commedia dell'arte* abaixo do Equador".

Ontem foi a "sexta-feira negra" de Sarney: no mesmo dia em que o escritor era criticado, também o presidente não foi poupado, pela divulgação dos trabalhos da CPI da corrupção, parcialmente reproduzidos pelo vespertino *Le Monde*. Em artigo de quatro colunas, o jornal cita o presidente como um dos implicados, por susa "responsabilidades em operações fraudulentas e prejudiciais às finanças públicas", enquanto seu conselheiro jurídico, Saulo Ramos, é acusado de "prevaricação", e seu ex-ministro do Planejamento, Aníbal Teixeira, por "corrupção".



France Presse — 15/10/88

Há 20 dias, em Mirabeau, a festa. Agora, as críticas